

“A MULHER É NATURALMENTE EDUCADORA”

Representações de professoras sobre a docência: entre discursos históricos e atuais.

Milena Cristina Aragão *

Lucio Kreutz Kreutz **

Resumo

Este estudo investiga as representações de docentes da educação infantil e séries iniciais sobre sua função e compara-os com os discursos histórico-culturais acerca o perfil adequado da mulher-professora, buscando similaridades e analisando suas implicações para a construção da identidade docente e prática pedagógica.

Palavras chave: Magistério Feminino. História da Educação. Prática Pedagógica .

Abstract

This study investigates the implications of the historical-cultural speeches about the woman-teacher's function, in the construction of the identity and pedagogic practice of kindergarten and initial series teachers.

Keywords: Female Teacher. History of Education. Pedagogic Ppractice.

Mulher, Educação e Docência

A presença da mulher no cenário escolar ocorreu tardiamente na História da Educação Brasileira. Desde o período Colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendia atividades que possibilitasse o bom governo da casa e dos filhos e a isto não incluía leitura e escrita, mas prendas domésticas. Somente na segunda década do século XIX foi decretada a abertura de escolas para meninas, e na terceira década do mesmo século foi inaugurada a primeira escola Normal do Brasil, em Niterói/RJ, a qual tinha como função formar professores primários¹.

* Psicóloga, especialista em Gestão de Pessoas. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação. Área de atuação: formação de professores para educação infantil e séries iniciais. E-mail: mi.aragão@yahoo.com.br.

** Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Brasil (1985). Professor da pós-graduação em educação na Universidade de Caxias do Sul/RS. E-mail lkreut@terra.com.br. Texto recebido em 06/05/2011. Texto aprovado em 20/03/2012.

¹ ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação: paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998; VEIGA, Cyntia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

Almeida evidencia que o desejo de uma sociedade progressista e esclarecida incentivou a formação de professores, bem como a crescente urbanização e industrialização, as quais demandava um contingente de pessoas preparadas para o mercado de trabalho e por isso a qualificação docente mostrava-se como um importante investimento. Além disto, o aumento de alunos nas escolas – em decorrência da democratização da escola primária também exigia uma melhor preparação dos mestres e, conjugado, existia a necessidade de mulheres para ministrar aulas em turmas femininas. A autora enaltece ainda que este também era um espaço favorável para “dar uma destinação profissional às jovens de poucos recursos”².

Contudo, o ingresso da mulher no universo escolar enquanto professora ocorreu permeada por discursos construídos ao longo de um processo histórico de representações sobre a mulher e sua função na sociedade. Roger Chartier³ define o termo representação enquanto práticas culturais que assinalam o modo pelo qual, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade é construída por diferentes grupos sociais.

A realidade construída acerca do papel feminino na sociedade permeia o âmbito doméstico, estando fortemente associada à maternidade e ao casamento.

Desde pequena a mulher era criada para casar e ter filhos, sendo o casamento e a maternidade as únicas formas possíveis de realização feminina e, caminhando na mesma linha de pensamento apresentava-se a capacidade de ensinar. Em meados do século XX, quando a inserção feminina no mercado de trabalho ainda era tímida, lecionar poderia ser a saída para as mulheres que desejavam se dedicar a outras atividades, sem precisar abandonar o lar e os filhos, já que era possível trabalhar somente meio período, recebendo um salário razoável e ainda ter tempo para cuidar da vida pessoal. Dentro deste cenário, o magistério era visto como a extensão do lar, ou seja, um desdobramento de uma atividade naturalmente praticada, um prolongamento de educar os filhos, numa feliz combinação entre professora competente e dona de casa amorosa. O magistério seria então um espaço onde a

² ALMEIDA, Jane Soares; SAVIANI, Dermeval; *et alii*. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: Dermeval Saviani; Jane Soares de Almeida; Rosa Fátima de Souza; Vera Teresa Valdemarim. (Org.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. 01 ed. Campinas: Autores Associados, 2004, v. 01, p.71.

³ CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

mulher colocaria em prática dons que socialmente acreditava-se serem inatos e indispensáveis para o exercício docente: a paciência, o cuidado, a sensibilidade, o educar⁴.

Neste sentido, Louro expõe uma fala importantíssima que elucida todo este processo:

(...) se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la⁵.

Desta forma, observam-se a veiculação de discursos que buscam difundir representações sobre a mulher-professora e seu trabalho, elementos que contribuíram para construir a imagem de professoras e futuras professoras brasileiras. Neste sentido Chartier (1990) destaca que as representações

Não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas⁶.

Assim, a representação que promove a associação dos papéis professora/mãe não existe de maneira ingênua, ela foi construída historicamente, ao mesmo tempo em que construiu e constrói formas de agir e pensar, que influenciam fortemente a atuação docente.

Para autores como Gonçalves⁷ e Zanella⁸, esta interposição de papéis gera conflitos prejudiciais a prática pedagógica, na medida em que converte sua atuação

⁴ DINIZ, Margareth. Do que sofrem as mulheres professoras? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001; LOURO, Guacira, Lopes. Gênero e Magistério: Identidade, História e Representação. In: CATANI, Denice Bárbara (Org.). *Docência, Memória e Gênero*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997; MARCONATO, Neuza. *Mulheres professoras: o ser e o fazer na inserção profissional*. Florianópolis: Dissertação – Pós Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. 2002. Disponível no site: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8527.pdf>>

⁵ LOURO, G. Op. cit. p. 78.

⁶ CHARTIER, R. Op. cit. p. 17.

⁷ GONÇALVES, Marlene F Carvalho. *Se a professora me visse voando ia me por de castigo – a representação da escola feita por alunos de pré-escola da periferia*. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 1996.

numa mescla de maternagem e educação, onde conteúdos escolares são adicionados sem maiores reflexões sobre os objetivos de sua inserção, bem como sua continuidade no processo de educação das crianças em diferentes momentos do desenvolvimento infantil. Esta confusão de papéis desperta nas professoras um sentimento de ambiguidade em relação ao aluno, variando entre o ódio e amor, uma vez que, ao olhá-lo como professora, percebe que este não corresponde ao ideal de estudante, educado e disciplinado e, ao observá-lo como mãe, sente que o mesmo deve ser protegido, formando, assim, uma relação de dependência.

Partindo desta realidade, o trabalho realizado junto às professoras de educação infantil e séries iniciais de uma escola municipal de Petrópolis/RJ objetivou investigar, através do grupo de discussão, se as representações sobre a mulher-professora denunciadas historicamente encontra respaldo no discurso de professoras na atualidade, a fim de promover um debate sobre a condição histórica do sujeito, buscando problematizar com as educadoras sobre a historicidade desta representação e das influências desta condição na sua práxis profissional, promovendo reflexões sobre os fatores que a determinam, o efeito de suas ações e possibilidades de mudanças, a fim de contribuir para a melhoria da atuação docente.

Construindo o corpus da pesquisa

O grupo era composto por dez professoras, todas formadas no magistério/curso normal e com mais de cinco anos de experiência em educação infantil e séries iniciais, as quais exerciam suas funções em uma escola pública de Petrópolis, cidade serrana do estado do Rio de Janeiro.

Para coletar as informações necessárias, a fim de atingir o objetivo proposto neste trabalho, escolhi a entrevista grupal em forma de grupos de discussão. Este formato possibilita a troca de vivências e ideias, o estímulo a criatividade e a emergência de divergências possíveis de serem aproveitadas para novas discussões e

⁸ ZANELLA, Andréa Vieira e CORD, Denise. Tia o Tônico me bateu! Considerações sobre a violência infantil no contexto da creche. *Revista Educação, Subjetividade e Poder*. Porto Alegre. n.06, v.06, ago/1999.

esclarecimentos, possibilitando mobilizar o corpo docente a uma reflexão crítica a respeito de sua representação e atuação.

Entretanto, antes de iniciar os encontros, foram realizadas visitas à escola no período de uma semana (cinco dias corridos), alternando os turnos matutino e vespertino, com o propósito de observar e entender a realidade das professoras em seu cotidiano.

Na semana seguinte o primeiro encontro foi realizado, o qual ocorreu nas dependências da escola após o horário de trabalho, tendo duração de 2 (duas) horas, tempo este disponibilizado pela direção escolar e acordado entre as docentes.

O desenvolvimento do trabalho iniciou com a apresentação de cada participante, que falou sobre si e sua história de vida, com o intuito de promover o conhecimento grupal e estreitar o vínculo entre as docentes. Em seguida foi pedido que respondessem mentalmente a pergunta: o que é ser professora para você? Após alguns minutos de reflexão, pedi que escrevessem suas respostas em uma folha de papel. Posteriormente à escrita, orientei que conversassem sobre seu relato com a colega ao lado e, por fim, dividissem com o grande grupo, para que pudessemos iniciar as discussões sobre a temática. A discussão a partir deste formato visa – gradativamente - estimular a participante a pensar antes de um comentário, a desenvolver a capacidade de conversar com o outro e a expor uma opinião num grupo de pessoas desconhecidas ou que pouco se encontram⁹.

Os grupos foram realizados quinzenalmente durante três meses, contudo abordo neste texto apenas o primeiro dia, momento importantíssimo por ter sido o responsável em revelar aspectos sobre a representação da mulher professora, os quais estimularam discussões futuras.

Resultados e Discussão

Como o foco deste trabalho está na representação sobre a mulher-professora, apresento o momento da discussão aberta, ou seja, no grande grupo, onde as docentes

⁹ As professoras desta escola não trabalhavam em período integral, assim as professoras do turno matutino não tinham contato diário com as do turno vespertino. O contato se dava somente nas reuniões pedagógicas.

explicitaram suas considerações acerca da questão: “O que é ser professora para você?”.

Observei que as colocações proferidas assemelhavam-se com os relatos descritos na história da educação, apresentando um tipo de professor identificado claramente com a mãe:

1. “É educação, doação, ser um pouco mãe, um pouco professora, é amar, rir, chorar, se entregar...é cuidar do futuro do país” (E, professora 2ª série turno vespertino);
2. “É desafio, resolver juntos os problemas, ser um pouco mãe, um pouco professora, um pouco amiga... é tudo junto...” (R. profª 4ª série turno vespertino e infantil 2 turno matutino);
3. “Acho que ser professora é ser um pouco de tudo, um pouco de mãe, de tia, de amiga, de madrastra...é dar carinho, cuidar”. (M. prof 1ª série turno matutino e infantil 2 turno vespertino);
4. “Concordo com minhas colegas, é questão de vocação, de doação, ser um pouco de tudo, principalmente mãe...é ser mãe porque nós cuidamos, damos carinho, atenção, amor, ensinamos as coisas... ” (F. prof infantil 3 turno vespertino)
5. “Ser professora é ser a base da sociedade, mas ao mesmo tempo é ser desvalorizada...desrespeitada...creio também que é ser de tudo, mãe, amiga... é se doar completamente ao trabalho...”(M. prof infantil 3, turno matutino e 3ª série turno vespertino);
6. “Ser professora é emoção, é sentir raiva e carinho ao mesmo tempo, pena e sensação de não ter o que fazer... às vezes fico meio perdida, queria fazer mais por eles, porque tem alunos que chegam mal educados, agressivos...sei lá, a gente chama os pais, fala, conversa...mas parece que não resolve...eles vêm para a escola tudo igual de novo... e parece que eles só param quando a gente grita, põe de castigo...já vi professoras até sacudindo aluno...é triste...eu não, eu não faço isso, não acho certo, acho que a gente tem que dar carinho...a gente tem que ser forte para ensinar e ter muito amor dentro de nós, tem que pensar que eles são meio que nossos filhos...” (J. profª 2ª série turno matutino);

7. “É vocação, doação completa, aprendizado, imprevisibilidade, nunca sabemos o que pode acontecer, cada dia é um dia diferente...” (C. prof 4ª série turno matutino);
8. “Ser professora é doação, é fazer a diferença na vidinha deles, é proporcionar o aprendizado e ao mesmo tempo dar muito amor, muito carinho...às vezes eles não têm isso em casa e nós acabamos substituindo a família, fazendo papel de mãe, de tudo...” (S. professora 1ª série turno vespertino e Classe de Alfabetização, turno matutino);
9. “É assustador, a gente chega para dar aula e pensa que vai encontrar uma turma certinha, comportada, acha que vamos falar e eles ouvir e aí não é nada disso...a gente pega uma turma indisciplinada, agressiva, que xinga a gente e a gente não sabe o que fazer, se sente pena ou raiva...Muitas vezes eu boto de castigo, outras eu mando para o diretor, porque ele é mais firme que eu, de vez em quando eu penso em desistir, mas aí vem um com um beijo e diz que me ama...aí eu fico...é uma confusão de sentimentos”(C. prof 3ª série turno matutino).
10. “Concordo um pouco com todas. Temos que ser um pouco de tudo para essas crianças... Sei que não é fácil ser professora, mas é muito gostoso, precisa ter muito amor, gostar mesmo, ter dom de cuidar, de ensinar, eu gosto muito, não me vejo em outro lugar e eu sempre procuro tratar meus alunos como meus próprios filhos...” (G. profª da Classe de Alfabetização, turno vespertino)

No momento das narrativas, preocupei-me apenas em ouvir, não emanando juízos de valor, para extrair o máximo de veracidade em suas falas. Ao final do trabalho abrimos para debate e neste momento li para as educadoras algumas citações de educadores que atuaram entre as décadas de 30 e 60 do século XX a fim de estimular o debate da temática chave do encontro: a representação da mulher-professora. O primeiro trecho é uma passagem do relato sobre o que pensam as normalistas, do livro a “Escola Pitoresca” - 1951 - do educador Almeida Júnior:

Serei uma boa professora e dona de casa: hei de instruir e educar, não os alunos, como também os filhos e os criados, e suportar a todos, e mais o marido, com extrema paciência (...) desejo ser feliz e o melhor meio é o casamento (...) imitarei na dedicação e na bondade minha mãe. (...) E assim concentrarão o seu afeto nestas duas entidades que todos

estremecemos – a família e a criança – que representam de algum modo o presente e o futuro da Pátria¹⁰.

Destaco ainda, outro trecho que ilustra a interpoição de papéis materno-docente, extraídos do livro “A alma do educador e o problema da formação do professor” editado em português em 1934, cuja autoria atribui-se a Georg Kerschensteiner, conceituado educador, com seguidores como Ruy Bello, Teobaldo Santos e Luiz Alvez de Mattos:

Existem muitas profissões que se têm de ser cumpridas à risca e exigem uma personalidade de um tipo social. Assinalo entre todas a dos sacerdotes (...), a dos médicos, a das irmãs de hospital e maternidade, em resumo, todas aquelas profissões que se preocupam com o bem dos demais. Assinalo também, antes de tudo, a da mãe, contanto que ela não se refira ao aspecto sexual. Onde existe, pois, a especial estrutura social que diferencia o educador de todos os outros tipos de profissão social? Sua profissão é, indubitavelmente, a que mais se aproxima da mãe¹¹.

Com a leitura destes trechos, é possível perceber a semelhança entre os discursos dos educadores de outrora e os discursos proferidos pelas docentes no contexto atual, apontando o quanto somos sujeitos da nossa história e o quanto reproduzimos no cotidiano algumas narrativas, sem ao menos imaginar os condicionantes destas, como apontam as passagens a seguir:

“É desafio, resolver juntos os problemas, ser um pouco **mãe**, **um pouco professora...**” (R. prof^a 4^a série turno vespertino e infantil 2 turno matutino);

“... ser um pouco de tudo, principalmente **mãe...** é ser mãe porque nós cuidamos, damos carinho, atenção, amor, ensinamos as coisas... ” (F. prof. infantil 3 turno vespertino)

“... tem que pensar que eles são meio que **nossos filhos...**” (J. prof. 2^a série turno matutino);

“... nós acabamos substituindo a família, fazendo **papel de mãe**, de tudo...” (S. professora 1^a série turno vespertino e Classe de Alfabetização, turno matutino);

“... não me vejo em outro lugar e eu sempre procuro tratar meus alunos como meus próprios **filhos...**” (G. prof^a da Classe de Alfabetização, turno vespertino)

¹⁰ LOPES, Eliane Marta Teixeira. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 43.

¹¹ Idem.

Percebam que a palavra “um pouco” é bastante utilizada: “ um pouco mãe, um pouco professora”, ou seja, a professora não se percebe enquanto completa, totalmente imbuída do papel de professora, ela é um ser dividido, um ser pela metade, nem completamente mãe, nem totalmente professora, gerando grande confusão no desempenho de seu papel, e por conseguinte sofrimento, como apontam os trechos a seguir:

“Ser professora é emoção, é sentir raiva e carinho ao mesmo tempo, pena e **sensação de não ter o que fazer ... às vezes fico meio perdida**, queria fazer mais por eles, porque têm alunos que chegam mal educados, agressivos...sei lá, a gente chama os pais, fala, conversa...mas parece que não resolve...eles vêm para a escola tudo igual de novo... e **parece que eles só param quando a gente grita, põe de castigo...já vi professoras até sacudindo aluno...**” (J. prof^a 2^a série turno matutino);

”... imprevisibilidade, **nunca sabemos o que pode acontecer**, cada dia é um dia diferente...” (C. prof 4^a série turno matutino);

“... a gente pega uma turma indisciplinada, agressiva, que xinga a gente e **a gente não sabe o que fazer**, se sente **pena ou raiva**...Muitas vezes eu **boto de castigo**, outras eu **mando para o diretor, porque ele é mais firme que eu**, de vez em quando eu penso em **desistir...**” (C. prof 3^a série turno matutino).

Esta sensação de não saber o que fazer assemelha-se com a sensação de uma mãe frente a um desafio imposto pela criação do filho. Contudo, espera-se que a professora, ao término do curso de formação, disponha de um nível de conhecimento capaz de auxiliá-la a enfrentar os obstáculos impostos pela profissão. Entretanto, Perrenoud¹² e Andaló¹³ explicitam que o sujeito, ao frequentar o magistério, leva consigo expectativas, crenças e representações construídas ao longo de sua história de vida sobre o que é ser professor e como ensinar, representações estas permeadas por discursos históricos reproduzidos como uma verdade universal, na medida em que são adquiridos de forma não reflexiva, escapando a crítica e convertendo-se em

¹² PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação – perspectiva sociológica*. Lisboa: Don Quixote, 1993.

¹³ ANDALÓ, C S. *Fala professora! Repensando o aperfeiçoamento docente*. Petrópolis: Vozes, 1995.

um verdadeiro obstáculo à formação profissional, culminando em falas e ações como as descritas acima.

No entanto, cabe salientar que as narrativas das professoras entrevistadas vêm acompanhadas de outra representação fortemente difundida no universo educacional: a educação enquanto vocação e sacerdócio. Saliento uma passagem da descrição de Marta Nair Monteiro, Presidente da Associação das Professoras primárias de Minas Gerais, quando questionada sobre o que é ser professora, em 1963:

Ser professor é estar acima de uma simples profissão: é um eterno dar-se, um constante servir com amor, paciência e abnegação. Alicerce da sociedade, insubstituível plasmador de caracteres, é no professor primário que repousa todo o futuro de uma nação¹⁴.

Poder-se-ia afirmar que uma das educadoras entrevistadas proferiu estas palavras, tamanha a semelhança com os discursos atuais. Abaixo, pontuo alguns trechos que retratam esta colocação:

“... é questão de **vocação**, de **doação**...” (F. prof infantil 3 turno vespertino)

“... é se **doar** completamente ao trabalho...” (M. prof infantil 3, turno matutino e 3ª série turno vespertino)

“É **vocação, doação completa**...” (C. prof 4ª série turno matutino);

“... precisa ter muito amor, gostar mesmo, ter **dom** de cuidar...” (G. profª da Classe de Alfabetização, turno vespertino)

Esta representação de docência enquanto vocação - ligada primeiramente ao magistério masculino, a fim de “caracterizar a missão do sacerdote católico” (p.160) – considera a docência uma missão sagrada, sendo o professor o “mediador de Deus juntos aos alunos e à comunidade”, os quais deveriam demonstrar “aplicação e vontade de ensinar, paciência e verdadeiro amor aos alunos”¹⁵.

Todavia, a mulher, ao ingressar no magistério enquanto professora, não poderia ter o mesmo peso (ou justificativa) do discurso atribuído ao masculino, afinal o sacerdócio não lhe era permitido, portanto houve um movimento de agregar a já

¹⁴ LOPES, E. M. T. Op. cit. p. 50.

¹⁵ KREUTZ, Lúcio. *Professor Paroquial: Magistério e Imigração alemã*. Pelotas: Seiva, 2004, p. 160.

representada função docente ao estereótipo feminino de mãe enquanto sujeito dotado da natural missão de educar crianças, já que tem a atribuição inata - e divina - de gerá-las. Assim, o discurso de que a mulher seria a educadora natural de crianças difundiu-se largamente em conjunto com as ideias de bondade, amor, dedicação e paciência, já presentes nas representações anteriores. Em suma, a representação do magistério feminino estava no âmbito da vocação e da maternidade, como exemplifica o trecho a seguir, fragmento da Oração do Mestre de 1933:

Senhor! Tu que ensinaste, perdoe que eu ensine e que eu tenha o nome de Mestra que tivestes na terra. Dá-me o amor exclusivo da minha escola: que mesmo a ânsia de beleza não seja capaz de roubar-me a minha ternura de todos os instantes (...) Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, como as mães, o que não é carne da minha carne (...)¹⁶

Enquanto as discussões intragrupo transcorriam, íamos problematizando nossa história e refletindo sobre as colocações de autores como Silva¹⁷; Lopes¹⁸ e Diniz¹⁹, que questionam o quanto esta expectativa cultural influencia nossa expectativa pessoal, na medida em que a forma como desempenhamos este papel reflete a maneira como pensamos e agimos, mostrando que nossas concepções sobre o trabalho docente estão permeadas por crenças e mitos enraizados, levados adiante impensadamente, determinando de maneira fundamental nossa prática.

Neste sentido, Zanella²⁰, a ponta que a interposição entre os papéis materno e docente pode levar à falta de planejamento e continuidade das tarefas desenvolvidas:

Como boa parte dos professores não têm claro seu papel na educação infantil, sua prática objetiva-se num misto de maternagem e educação, onde conteúdos escolares são adicionados sem que se reflita sobre os objetivos de sua inserção, muito menos sobre sua continuidade no processo de educação das crianças em diferentes momentos do desenvolvimento infantil²¹.

Em termos relacionais, esta interposição também se converte em prejuízos à prática pedagógica. De acordo com a mesma autora, a professora - no contexto da sala de aula - assume a incumbência de controlar o grupo de crianças sob sua

¹⁶ LOPES, E. M. T. Op. cit. p. 46.

¹⁷ SILVA, Rita de Cássia. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, M.R. *Aprendendo a ensinar o caminho nada suave da docência*. Campinas: Autores Associados, 1999.

¹⁸ LOPES, E. M. T. Op. cit.

¹⁹ DINIZ, M. Op. cit.

²⁰ ZANELLA, A. V. e CORD, D. Op. cit.

²¹ Idem, p. 103.

responsabilidade, amenizando “*as movimentações que considera exageradas ou perigosas, procurando evitar situações de conflito*”²². Contudo, quando a professora não é preparada adequadamente para lidar com situações de conflitos entre crianças pequenas, esta atua a partir de “*pressupostos, generalizações e pré-conceitos*”²³ adquiridos ao longo de um processo sócio-cultural de socialização.

Neste sentido, ao serem associadas características maternas à função docente, a professora passa a ver seu aluno como mãe, tendendo a cuidá-lo da maneira como faria com seu próprio filho, o que - em algumas situações e dependendo da representação construída por esta docente sobre a função materna – pode legitimar cenas de violência física e humilhações.

Em muitos momentos, a intervenção do mediador é violenta, violência esta que pode se externalizar tanto no tom de voz quanto na postura ou estratégia utilizada para fazer cessar o conflito. Deixar alunos de castigo, isolados dos demais, (...) contê-los fisicamente, segurando seus braços com força são, dentre outras, estratégias comumente observadas (...)²⁴

Desta forma, através da uma reflexão crítica sobre cada locução, aliando teorias a espaços de “desabafo”, foi possível transformar o impensado em consciente e assim fortalecer a práxis docente, apontando a necessidade de buscar alternativas de ação diante dos problemas vividos em sala de aula, e para isto é essencial que a professora trabalhe constantemente com a ideia de reconstrução e reelaboração dos significados que lhe são atribuídos pelo grupo cultural.

Como afirmam Andaló²⁵ e Diniz²⁶, refletir crítica e conscientemente a respeito de crenças e papéis sociais, de teorias e práticas e, fundamentalmente, “desabafar” seus medos, angústias, dúvidas e incertezas em grupos de discussão, mediados por profissionais qualificados, são ferramentas que contribuem para que as emoções tomem conta cada vez menos da atuação profissional, uma vez que agem como uma “válvula de escape”, amenizando, assim, a “confusão” de papéis, auxiliando a docente a assumir de forma mais segura e consciente seu papel profissional.

²² ZANELLA, A. V. e CORD, D. Op. cit. p. 102

²³ Idem.

²⁴ Ibidem, p. 103.

²⁵ ANDALÓ, C. S. Op. cit.

²⁶ DINIZ, M. Op. cit.

Conclusão

As professoras pesquisadas representam uma parcela de um campo educacional brasileiro que é eminentemente formado por mulheres. São mulheres que ingressaram na vida docente por diversos motivos, alguns coincidentes, outros nem tanto, contudo são partícipes de uma mesma cultura, sendo constituintes e constituídas por ela. São seres sociais dotados de emoção, desejos, sonhos e frustrações. Ao mesmo tempo são sujeitos objeto de sua cultura. Foram crianças e aprenderam a desempenhar o papel de pais com seus cuidadores; tornaram-se jovens e aprenderam a sê-lo de acordo com o que seu grupo sócio-cultural colocou como correto; tornaram-se professoras, sofrendo as manifestações e expressões do que a Instituição Formadora incutiu em seu imaginário.

São mulheres com histórias pessoais que precisam reconhecer em sua trajetória individual, sua configuração profissional. Quem sou? Porque escolhi ser professora? O que é ser professora? O que a cultura preconiza como verdade é minha verdade? O que tem de mim e do outro em meu discurso? Que conflitos vivencio? De onde eles vêm? Questões estas que necessitam ser abordadas como uma maneira da mulher reconhecer-se, compreender-se e atuar frente a sua profissão de uma forma mais completa, identificando fusões e confusões no desempenho de seu papel profissional.

Contudo, tal busca subjetiva necessita vir acompanhada de uma profunda reflexão acerca de sua postura pedagógica. Não basta amar o que faz se não souber o que fazer. Portanto, leituras acerca de teorias educacionais seguidas de discussões em grupo traduzem-se em um suporte importante quando se pretende trabalhar o conflito de papéis.

Tornar-se ciente sobre si, seu grupo social, sua historicidade e o trabalho docente são passos importantes para amenizar o conflito existente na função de professora, abrindo portas para uma atuação profissional onde a mulher sairia da posição de vítima frente a uma exigência sócio-cultural e passaria a protagonista de sua história, revendo conceitos e questionando certezas e então, de forma sistêmica, moldaria suas ações pautada em escolhas refletidas, pontuando um limite claro: até aqui sou mãe; daqui para frente sou professora.

Sendo assim, através da atividade desenvolvida nesta escola, fica clara a complexidade existente entre a mulher-professora e o trabalho pedagógico. Contudo,

mais pesquisas necessitam ser realizadas, em escolas públicas e particulares promovendo futuras discussões a respeito desta temática.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação: paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____; SAVIANI, Dermeval; *et alii*. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: Dermeval Saviani; Jane Soares de Almeida; Rosa Fátima de Souza; Vera Teresa Valdemarim. (Org.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. 01 ed. Campinas: Autores Associados, 2004, v. 01, p. 59-108.

ANDALÓ, C S. *Fala professora! Repensando o aperfeiçoamento docente*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

DINIZ, Margareth. Do que sofrem as mulheres professoras? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KREUTZ, Lúcio. *Professor Paroquial: Magistério e Imigração alemã*. Pelotas: Seiva, 2004.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira, Lopes. Gênero e Magistério: Identidade, História e Representação. In: CATANI, Denice Bárbara (Org.). *Docência, Memória e Gênero*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

MARCONATO, Neuza. *Mulheres professoras: o ser e o fazer na inserção profissional*. Florianópolis: Dissertação – Pós Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. 2002. Disponível no site: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8527.pdf>>

GONÇALVES, Marlene F. Carvalho. Se a professora me visse voando ia me por de castigo – a representação da escola feita por alunos de pré-escola da periferia. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 1996.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação – perspectiva sociológica*. Lisboa: Don Quixote, 1993.

SILVA, Rita de Cássia. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, M.R. *Aprendendo a ensinar o caminho nada suave da docência*. Campinas: Autores Associados, 1999.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

ZANELLA, Andréa Vieira e CORD, Denise. Tia o Tônico me bateu! Considerações sobre a violência infantil no contexto da creche. *Revista Educação, Subjetividade e Poder*. Porto Alegre. n.06, v.06, ago/1999.